

análise social

número 67-68-69

O Movimento Operário em Portugal

revista do gabinete de
investigações sociais

É um facto que o grande número e variedade de iniciativas editoriais por parte da corrente libertária do movimento operário constitui, simultaneamente, uma característica peculiar sua e uma fonte de atordoamento para o pesquisador.

Assim, parece-nos importante ser capaz de distinguir, por exemplo, entre as publicações de irradiação local e aquelas que se guindaram a um plano de modo a influenciarem o conjunto do território. Necessidade igualmente de distinguir imprensa propriamente operária, isto é, a das associações de classe, e imprensa libertária, conquanto esta última possa ter tido por promotores elementos operários e ser lida por gente do mesmo meio. Necessidade, ainda, de distinguir as iniciativas efémeras, vindas de grupos extremamente activos, mas pouco estáveis, que, a cada passo, reiniciavam novos cometimentos editoriais, daquelas outras que, sem grande formalismo embora, teciam entre um certo número de pessoas uma rede de cooperações donde saía obra duradoura, mesmo se passando por formas (títulos, etc.) variadas.

Neste último caso, *A Sementeira* é, a par da sequência *A Vida*, *A Aurora*, *A Comuna*, o melhor exemplo de iniciativa duradoura, embora haja outros. Mas, enquanto, neste último caso, estamos perante uma rede de pessoas e iniciativas que são centrais, ao nível de uma grande capital, ali é antes o resultado do entendimento de um grupo limitado de pessoas de grande solidez de convicções e que dispunham de apreciáveis meios de realização intelectuais, morais, financeiros, de relação, etc.

Assinalemos pois o facto de *A Sementeira* ser, de facto, uma publicação libertária, e não operária, embora tenha em vista dirigir-se genericamente a um público operário e popular, que ela gostaria de ver mais conhecedor, mais consciente, mais ilustrado e culto. O resultado — involuntário — deste compromisso terá consistido em que os seus leitores fossem, no essencial, a camada operária militante, os animadores dos sindicatos, os «proletários conscientes» (a tiragem vizinha do milheiro no-lo confirma), sem que tenha podido penetrar mais amplamente no meio associativo popular, como de facto um jornal como *A Batalha* foi capaz de fazer.

Mas, além disto, e como já vimos, o seu conteúdo confirma amplamente esta classificação: é, por exemplo, concludente o facto de, sendo o director um trabalhador metalúrgico, nem uma referência aparecer, ao longo de toda a colecção, aos problemas da sua profissão, indústria ou local de trabalho. E os únicos dois assuntos — afora os organizativos — de incidência directamente operária que vêm estampados nas suas

páginas com alguma amplitude são um estudo sobre a carestia da vida realizado pela CGT francesa e um outro sobre as condições de trabalho nas padarias, da autoria do médico libertário Afonso Manaças¹! É bem pouco, o que nos vem confirmar o antiobreirismo da revista, que fez Alexandre Vieira escrever que era «uma das mais circunspectas do seu tempo».

Com efeito, se a questão operária é certamente considerada como «a principal», já, porém, o sindicalismo não é visto senão como um método — embora muito importante e decisivo —, mas não mais do que um método, entre outros possíveis, da avançada para a emancipação dos indivíduos e da sociedade no seu conjunto. São frequentes as referências à «falta de consciência» dos operários e aplaudidos os esforços para ultrapassar essa situação. Por exemplo, a propósito do Congresso Sindical e Cooperativista de 1909, *A Sementeira* escreve que «ele veio demonstrar o desejo que existe de alguma coisa se fazer fora dos moldes até hoje usados e que somente lançaram a classe operária no estado de apatia de que felizmente parece querer despertar». Ou quando, antes, lastimando a suspensão do diário *A Greve*, assim comenta:

Vimos agora, pelos jornais, que um grupo de gráficos pensa em publicar novamente esse jornal, o que bem melhor será do que ficarem-se contemplativos a olharem certas nuvens que passam rasteiras ao nosso meio.

Mais tarde, o tom permanece o mesmo quando, ao apreciar e felicitar as Conferências da UON de 1917, não deixa de pôr a nu a «incapacidade e impossibilidade do mesmo operariado, pela falta de educação, de realizar alguma coisa de proveitoso e útil [...], fazendo votos por que, no próximo congresso a realizar-se, os delegados se apresentem melhor compenetrados da sua missão e mais conscientes do papel e dos fins que um congresso tem em vista».

O bom número de páginas dedicadas à organização operária são-no sobretudo para lhe inspirar uma orientação anarquista, desconfiando dela relativamente às medidas reformistas imediatamente alcançáveis e, pelo contrário, acentuando a sua autonomia e a sua capacidade de, pela acção directa, poder operar uma completa transformação social. É, em síntese, o que propõe Malatesta. É o que, em Portugal, também defende Neno Vasco² e

¹ Texto apresentado como dissertação inaugural na Escola Médica de Lisboa, em 21 de Abril de 1916.

² Havia de ver-se, em particular, o seu livro *Concepção Anarquista do Sindicalismo*.

A Sementeira, o que não quer dizer que tenha sido o que fizeram os líderes anarquistas operários mais conhecidos, do tipo de um Manuel Joaquim de Sousa.

Outra questão decisiva em termos de colocação política foi a nascida com a questão do regime. Como se sabe, os anarquistas dividiram-se perante esta questão desde o princípio do século. Só que a divisão não é tão simples e tão clara —entre «puristas» e «intervencionistas»— como geralmente se crê. E justamente *A Sementeira* é um desses casos que ilustram a complexidade das posições. De uma maneira geral, ela é contra o possibilismo, reformismo, gradualismo, etc. Por exemplo, ela zurze vigorosamente o *Germinal*, de Setúbal, que durante vários anos apoia a propaganda republicana «para derrubar a Monarquia». Mas, simultaneamente, ela é intervencionista, no sentido de considerar que os anarquistas devem intervir na revolução contra a Monarquia para a levarem tão longe quanto possível.

São do importante editorial publicado em Outubro de 1910 as seguintes passagens:

É um facto a República em Portugal. Olho atento na esperançosa escaramuça, há tanto apregoada como luta decisiva e libertadora, o povo prestou-lhe o seu concurso generoso, deu-lhe o seu auxílio heróico, sanguíneo, inconfundível. Sem ele, o triunfo seria duvidoso, seria incerto [...] Porque ainda por alguns pode ser deturpada a razão da nossa intervenção, é necessário justificá-la. Ela deu-se, dizemo-lo franco e sem reservas. A colecção desta publicação atesta qual a nossa forma de luta em abono do nosso intervencionismo. Nunca elegemos, nunca queimámos incenso nem fabricámos ídolos. Nunca conspurcámos os princípios com aproximações políticas. Sempre falámos claro aos que trabalham, desbravando-lhe o caminho da sua emancipação. Julgámos que intervir numa revolução não era ajudar a afirmar o pedestal de novos amos. A revolução deu o que pôde dar. A sua resultante foi, é, a soma dos esforços dos que nela agiram, dos que nela colaboraram. Seria mais conservadora se o espírito revolucionário das novas idealizações não orientasse uma parte, ínfima é verdade, dos que se bateram. Poderia ter soluções mais radicalíssimas se a soma de todos os esforços determinasse essa solução. Pode-se, por isso, dizer que a cobardia dos abstencionistas também influiu no espírito da revolução.

Para quem antes criticava acerbamente a «ilusão» da solução republicana e aqueles anarquistas que lhe facilitavam o caminho, esta posição pode parecer paradoxal. Aqui, os mais visados são os «abstencionistas», os «puritanos», enquanto a própria *A*

Sementeira se qualifica de intervencionista. E, então, de duas, uma: ou não há coerência alguma no seio do grupo editor, seja por diferentes apreciações pessoais, seja por zigzagues tácticos estonteantes; ou estamos perante uma atitude ainda não contemplada devidamente pela luz da crítica histórica. De facto, é certo que Hilário Marques, Policarpo Luís (que morreu) e, provavelmente, outros editores d'A *Sementeira* estiveram nas barricadas e nos enfrentamentos de Outubro. Daí que seja de admitir, anteriormente, uma ligação qualquer com a rede conspirativa, nomeadamente a Carbonária Portuguesa. Porém, o distanciamento ideológico é tão marcado, que essa ligação não podia deixar de repousar sobre uma larga autonomia destes «interventores». Por outro lado, se a orientação da revista é favorável à insurreição, ela não se pode facilmente confundir com os grupos de acção violenta que têm atraído mais frequentemente as atenções dos analistas interessados nas relações entre anarquistas e republicanos. A *Sementeira* é, pelo conteúdo da sua mensagem, um órgão possibilista, extraordinariamente preocupado com o papel da educação num processo libertador, e nunca um apologista da bomba ou do revólver. O que não significa que a sua atitude intervencionista pudesse ser confundida com a da Federação Socialista Livre, do já citado *Germinal* ou do tribuno Bartolomeu Constantino — exemplos de esbatimento das linhas de demarcação (tácticas ou ideológicas) anarquistas, em proveito de um certo frentismo antimonárquico (e certamente também anticlerical). Retenhamos pois o carácter bastante instrumental e baseado na avaliação estratégica de uma marcha histórica «da escravatura para a liberdade» — do intervencionismo d'A *Sementeira*, a qual avisa claramente que, «se amanhã isto, com uma revolução regressiva, ameaçar perder-se o caminho andado, o nosso esforço de novo virá à prova». Mas, em qualquer caso, «o nosso grito de ontem será como o de sempre: Guerra aos amos. [...] Agora temos a vantagem do regime implantado, para dizer aos que trabalham que continuarão escravos. Se outras vantagens não advierem, esta, pelo menos, não é para desprezar».

O outro grande acontecimento que, na diacronia do anarquismo da época, funcionou como um importante factor de hesitação, primeiro, e de divisão, depois, foi a guerra europeia.

Em Portugal, esta questão não teve consequências tão profundas como noutros países, pois o grosso dos sindicalistas era de opinião oposta à intervenção na guerra — o que se tornou em mais um motivo de ruptura com os republicanos — e, entre os anarquistas, apenas uma parte significativa dos intelectuais seguiu a posição de

Kropotkine. Foi fundamentalmente o caso de Emílio Costa e dos seus amigos do *Germinal* (a não confundir com o seu homónimo de Setúbal, entretanto já extinto), que se viram assim forçados a um isolamento político, o qual, se era injusto, não deixou por isso de ser menos real.

E Emílio Costa, que, embora de fora, sempre fora colaborador d'A *Sementeira* e que ainda em Março de 1916 citava amigavelmente no *Germinal* aquela revista como o exemplo de «onde se podem encontrar em boa paz alguns dos desviados guerristas e íntegros antiguerristas do nosso movimento social», é agora tratado de «Pobre Emílio», terminando, ao que parece, as relações entre os dois grupos. De referir que com Emílio Costa estavam figuras com o prestígio de um Severino de Carvalho, Adolfo Lima, Bernardo de Sá, César Porto, Miguel Córdoba, Augusto Machado e outros — quase todos antigos colaboradores d'A *Sementeira*.

Porém, esta foi inflexivelmente «antiguerrista», seguindo, também aqui, as posições de Malatesta (via Neno Vasco?) e dos anarquistas que continuavam proclamando o «derrotismo revolucionário e a fraternização dos combatentes».

Finalmente, quanto à atitude perante a Revolução Russa, a suspensão definitiva da revista no Verão de 1919 evita o enfrentar do problema que em breve iria afectar gravemente todo o movimento operário. A não ser que a sua morte tivesse também já algo que ver com isso — pergunta meramente teórica, pois que nada encontrámos para levantar a suspeita. Toda a tomada de posição d'A *Sementeira* sobre a Revolução Russa é, criticamente, favorável.

E, para terminar, não será descabido situar, ainda que muito rapidamente, o lugar deste órgão de imprensa no conjunto do movimento libertário, no que diz respeito às várias correntes e orientações existentes na época, bem como a alguns dos jornais e personalidades mais marcantes dessas mesmas tendências.

Fazemo-lo sob uma forma sinóptica, apesar dos inevitáveis erros de simplificação, por uma questão de economia de texto. Utilizámos assim um eixo esquerda-direita, representação que nos pareceu legítima, tendo em vista a relativa ortodoxia e equilíbrio das posições sustentadas pel'A *Sementeira*

Esquerda	<i>A Sementeira</i>	Direita
Individualistas Intelectuais Partidários das comunas	Sindicalismo Educação	Reformistas Eleitoralistas Guerristas
<i>Paz e Liberdade</i> (1909) <i>A Acção</i> (1909) <i>O Agitador</i> (1911)	<i>A Vida</i> (1905) <i>A Conquista do Pão</i> (1907) <i>Amanhã</i> (1909) <i>A Aurora</i> (1910) <i>Lúmen</i> (1911)	<i>Germinal</i> (Setúbal) <i>Germinal</i> (Lisboa)
Augusto Machado Gonçalves Correia	Pinto Quartim Adolfo Lima Neno Vasco	Emílio Costa Bartolomeu Constantino João Meneses Alfredo Pimenta Lopes de Oliveira Etc.